

**PATROCÍNIO**

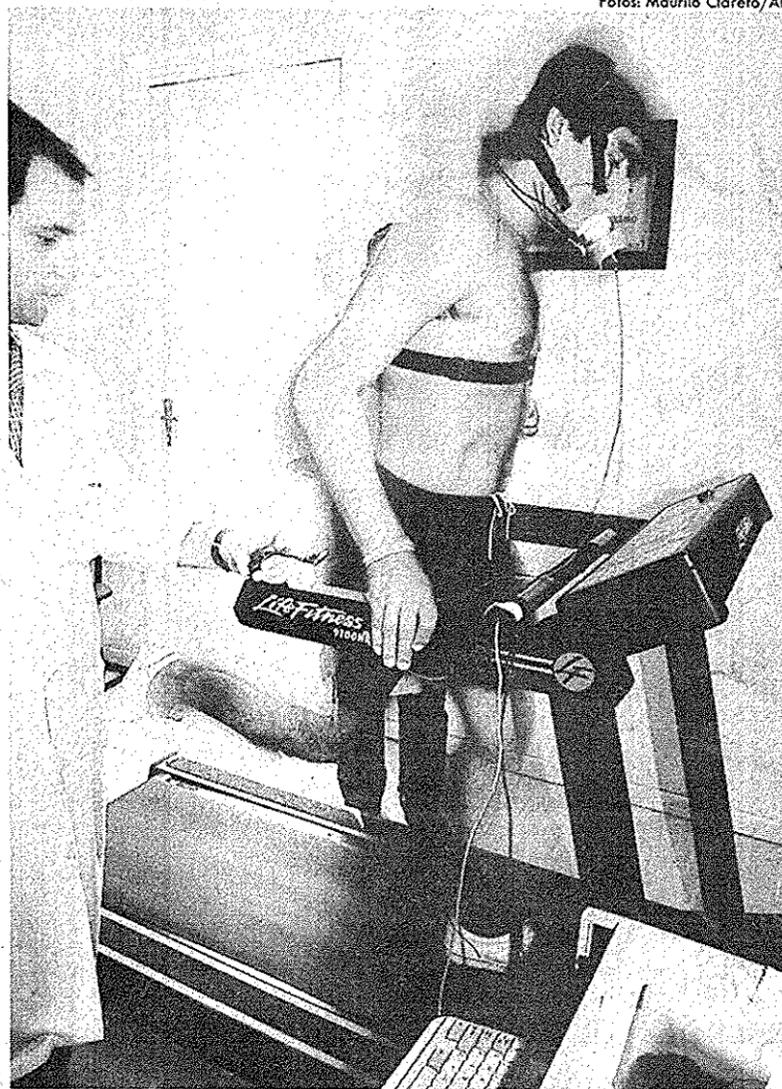
**APOIO À  
FUNILENSE PARA  
SYDNEY/2000**

**É a Asics no atletismo**

Pelo menos por enquanto o futebol está em segundo plano para a Asics, empresa japonesa de material esportivo que, com presidente novo no Brasil, está retratando os investimentos por aqui. Cerca de US\$ 3 milhões são destinados ao marketing esportivo — fatia dividida com a mídia — e a atenção maior este ano vai para o atletismo, mais especificamente à equipe da Funilense.

Foi firmado um contrato de quatro anos. Novidade para o grupo de 79 atletas, representado na Olimpíada de Atlanta/96 por 25 deles. “O importante é que teremos tranquilidade durante a preparação para Sydney/2000. Nosso pacote com a Asics inclui material esportivo, além de um salário para os 12 atletas que dão mais retorno e bonificações, de acordo com os resultados em determinadas competições”, explica Sérgio Coutinho Nogueira, o “dono” da Funilense.

No segundo semestre, a Asics também estará voltada para uma pesquisa na área do futebol. Patrocinadora do Sampdoria, na Itália, cogita trabalhar com um time daqui, em 1998. “Mas vamos com calma. Primeiro pensaremos em patrocínios individuais e os jogadores escolhidos têm de ter muito a ver com o perfil ‘clean’ da empresa”, afirma Sérgio Dias, o relações públicas. Tênis, ginástica rítmica desportiva (GRD) e vôlei também devem receber ajuda da empresa ainda este ano. No automobilismo, a marca está na F-3000 internacional, com Maurício Battistuzzi.



Fotos: Maurilo Clareto/AE

Rufino, goleiro, da tribo Fulni-ô: treinando há dois anos

**ATLETISMO**

**Sonho de  
Pedroso: o salto  
de 9,00 m**

Iván Pedroso, campeão mundial do salto em distância, quer chegar aos 9,00 m no Mundial de Atenas, em agosto. Em 29 de julho de 1995, o cubano saltou 8,96 m em Sestrieri, Itália, mas a marca não foi homologada — até hoje cubanos e italianos discutem sobre a velocidade do vento e o aparelho de medição, que teria sido encoberto pela passagem de um fiscal de pista e a Federação In-

ternacional não reconheceu o recorde mundial (a marca é do norte-americano Mike Powell, 8,95, do Mundial de Tóquio/91).

“Naquele dia, mesmo que a IAAF não tenha homologado os 9,86 m, senti uma alegria tão grande que espero que se repita”, disse Pedroso. “Meu maior desejo é chegar aos 9,00 m e ser o primeiro que chegue a esse registro. A possibilidade está muito próxima. Em condições similares às daquele dia 29 na Itália mais preparação adequada o sonho não deve demorar a ser realizado.”

O saltador de 24 anos ficou afastado todo o primeiro semestre do ano passado com uma ruptura muscular na coxa.

Os atletas avaliados mostraram ótima média de consumo máximo de oxigênio e boa tolerância aos exercícios. Em alguns casos, potencial melhor que muitos jogadores profissionais do futebol

**Passando nos  
testes. Com louvor**

É A SELEÇÃO INDÍGENA DE FUTEBOL, AVALIADA PELO CEMAFE

Os jogadores da Seleção Brasileira Indígena de Futebol têm um potencial físico maior do que os chamados jogadores de elite do futebol nacional e internacional. O Cemafe (Centro de Medicina da Atividade Física e do Esporte) fez uma avaliação em 15 índios de sua Seleção e comprovou que o consumo máximo de oxigênio — o “fôlego” — é muito bom.

“Em primeiro lugar, para fazer uma comparação devemos deixar claro que são índios de uma raça pura, sem miscigenação”, explica Turíbio Leite de Barros, diretor do Cemafe e fisiologista do São Paulo Futebol Clube. No entanto, ainda não se podem tirar conclusões sobre esse fato. O consumo máximo de oxigênio é uma herança genética e, para atletas, um das potencialidades mais importantes. Outro fator que se deve levar em conta na comparação é o limiar anaeróbio, que reflete a tolerância do corpo para exercícios e é medido em km/h. Não é genético, depende do treinamento. Na média, o limiar anaeróbio dos índios é menor.

**Interessante para o esporte**

Um bom atleta tem a combinação desses dois fatores. “Como matéria-prima bruta, os índios são um material humano interessante para o esporte. Não só para o futebol”, diz Turíbio. Segundo pesquisa feita pelo Cemafe com 800 jogadores profissionais, todos de grandes clubes, de vários países e com idades entre 20 e 30 anos, a média do consumo máximo de oxigênio é 55 (em mililitros de oxigênio por quilo, por minuto). Os melhores jogadores de futebol chegam a 60 e 65. A média

dos índios foi de 58,29.

Entre os 15 índios, o potencial mais alto foi de 65,43 e o mais baixo, 51,91. “É um resultado muito bom, mas também esperado por causa da qualidade de vida que eles têm. Supõe-se que sejam mais ativos”, observa Turíbio. A média de limiar anaeróbio dos profissionais é de 15 km/h; a dos índios, 11,8 km/h. “Os índios têm um bom potencial,

com certeza, este trabalho não vai parar por aqui, porque temos muito o que investigar”, afirma Turíbio. A Seleção Indígena treina há dois anos, cerca de quatro horas por dia e joga pelo País, com apoio da Funai e governos estaduais.

Os jogadores da Seleção Indígena vêm de tribos diferentes: Xavantes (MT), Funil-ô (PE), Carajás (TO), Xerentes (TO), Kaingang (SP), Terena (MT/SP), Xambioá (TO), Pankaru (PE), entre outras. Cada tribo tem uma tradição e uma língua diferente. Todos falam português, mas



**O XAVANTE  
TSEREDATSE:  
BOM FÔLEGO**

**“OS ÍNDIOS  
SÃO UM MATERIAL  
HUMANO  
INTERESSANTE PARA  
O ESPORTE”**

(Turíbio Leite de Barros)

a primeira língua que aprenderam foi a de suas aldeias. Para saírem de suas tribos precisam da autorização do cacique. Jogam pintados.

“Jogo pintado de preto porque essa cor significa paz para nós. O vermelho, guerra. Sei que os ‘toris’ (brancos) não acreditam nisso, mas não vou deixar minhas origens”, diz Dimas, de Tocantins. “Minha aldeia fica nas margens do rio Araguaia. Lá a gente pesca, caça... Tenho muitas saudades de casa e da comida,” completa o jogador, que, como os outros, fica 60 dias treinando e 15 em sua aldeia. Entre os jogadores, o lateral-esquerdo Érico e o atacante Valdir, da tribo Fulni-ô, são primos de Mané Garrincha.

**Thais Arruda**